

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DÉBORA JACKELINE DA SILVA

A INDISCIPLINA E SUA RELAÇÃO COM O SUCESSO OU O FRACASSO ESCOLAR

1

Maceió

2019

DÉBORA JACKELINE DA SILVA

A INDISCIPLINA E SUA RELAÇÃO COM O SUCESSO OU O FRACASSO ESCOLAR

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Jailton de Souza Lira

Maceió

2019

DÉBORA JACKELINE DA SILVA

**A indisciplina e sua relação com o sucesso ou
fracasso escolar**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 18/12/2019.

Orientadora: Prof. Dr. Jailton de Souza Lira (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Jailton de Souza Lira

Prof. Dr. Jailton de Souza Lira (CEDU/UFAL)

Jorge Eduardo de Oliveira

Prof. Dr. Jorge Eduardo de Oliveira (CEDU/UFAL)

Inalda Maria dos Santos

Profa Dra. Inalda Maria dos Santos (CEDU/UFAL)

A INDISCIPLINA E SUA RELAÇÃO COM O SUCESSO OU O FRACASSO ESCOLAR

Resumo: O fracasso escolar é uma realidade que não deve ser negligenciada. Milhares de alunos evadem das escolas todos os anos por conta dessa situação e os altos índices de analfabetismo demonstram que esse problema está ainda longe de ser resolvido. Muitos sequer conseguem ser alfabetizados, outros abandonam a escola por não conseguirem se “encaixar” nos padrões estabelecidos pelas instituições de ensino. Buscamos compreender em nossa abordagem uma análise sintética sobre causas, contextos da indisciplina e sua relação/contribuição como um entre outros fatores que podem causar esse fracasso. Ao longo deste artigo analisaremos o que alguns teóricos clássicos e contemporâneos desvelam a respeito dessa temática, com o intuito de ter uma visão crítica de como a indisciplina em sala de aula pode ser amenizada, contribuindo assim com o sucesso escolar.

Palavras-chaves: Fracasso escolar, Indisciplina, Educação.

Summary: School failure is a reality that should not be overlooked. Thousands of students evade schools every year because of this situation and the high levels of illiteracy demonstrate that this problem is still far from solved. Many cannot even be literate, others drop out of school because they fail to “fit” the standards set by educational institutions. We seek to understand in our approach a synthetic analysis of causes, contexts of indiscipline and their relationship/contribution as one among other factors that can cause this failure. Throughout this article we will analyze what some theorists classic and contemporary reveal about this theme, in order to have a critical view of how indiscipline in the classroom can be softened, thus contributing to school success.

Keywords: School failure, Indiscipline, Education.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a indisciplina em sala de aula, como um dos possíveis fatores que promovem o fracasso escolar, utilizando como metodologia, pesquisas bibliográficas. Nesse contexto tomamos como referências de análise, o estudo das teorias de alguns teóricos como FOUCAULT, MORIN, TAVARES, ARAÚJO, entre outros, possibilitando um conhecimento teórico que serão utilizados como alicerce para a fundamentação de conceitos sobre indisciplina e o fracasso escolar.

Um dos objetivos da escola é possibilitar ao aluno o pleno desenvolvimento das suas atividades motoras, intelectuais e cognitivas, de forma que possa contribuir com a construção do processo sócio-cultural dos seus educandos, contribuindo com o fortalecimento do conjunto de valores pertencentes à sociedade, fortalecendo as relações família-escola através de projetos que viabilizem e estimulem o envolvimento da família no espaço escolar,

o que certamente contribuem com resultados positivos, no tocante ao comportamento e convivência do educando na escola.

Importante considerar que a escola precisa promover ações que busquem e consolidem um trabalho de respeito mútuo entre todos os atores escolares, que são os professores, os alunos, os pais, a gestão, o corpo técnico, os auxiliares e equipe de apoio, na concepção que todos são educadores com o objetivo de favorecer o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos. Sem essa visão democrática, capaz de promover o diálogo como recurso de gestão, a indisciplina na sala de aula, vem se mostrando cada vez mais presente no ambiente escolar.

A escola como instituição social necessita compreender o contexto que envolve as relações professores - alunos, identificando o fenômeno no qual tantos professores sofrem com esse quadro caótico na vida docente (da indisciplina), que se tornou tão plural no ambiente escolar, e assim também, identificar no âmbito escolar como a educação vivenciada na escola poderá minimizar essa situação, utilizando uma pedagogia libertadora e transformador que auxilie na construção e conscientização da cidadania para todos os agentes do processo educativo, colaborando para que esse fenômeno, a indisciplina/violência tão prejudicial à vida individual e coletiva, diminua gradativamente nessa instituição escolar e nas demais em geral.

Atualmente, um dos grandes desafios para os educadores consiste em enfrentar a indisciplina nas salas de aula, perguntando: como fazer? O que fazer? No entanto não existem respostas prontas. De acordo com SANTOS (2010) o que provavelmente se deve fazer é promover situações em que, frente aos inúmeros atos conflituosos, seja utilizado o diálogo como uma poderosa ferramenta pedagógica, associada a outros recursos didáticos, buscando desenvolver as reais potencialidades dos educandos, utilizando a coerência nos procedimentos e critérios avaliativos necessários para as análises dos problemas vivenciados.

De acordo com Parolim (2007) pode-se considerar que comportamentos de alunos indisciplinados estão relacionadas a questões familiares e de vivências sociais, isto é, à falta de imposição de limites por parte dos pais, desencadeados por fatores diversos e a exposição dessas crianças à experiências de práticas sociais não saudáveis, não adequadas, pela vulnerabilidade em que a maioria das crianças se encontram, principalmente as que pertencem

as classes sociais menos favorecidas pelo poder público, sendo assim, fatores que precisam ser considerados.

A maioria dos pais atribuem à falta de tempo, a dificuldade de educar seus filhos, que quando presentes têm dificuldade de dizerem “não” aos mesmos. Os compromissos de trabalho e os demais afazeres do cotidiano doméstico, dificultam a rotina dos pais em estarem mais presentes na vida social, emocional e escolar dos filhos.

A frequência com que os pais vão a escola participar dos eventos, das reuniões escolares e de outros momentos sociais e culturais promovidos pela escola, refletem essa ausência física, que certamente reflete emocional e psicologicamente na vida dos filhos. O inverso também ocorre, com outros alunos que apesar dos pais estarem presentes no cotidiano escolar, são considerados órfãos de pais vivos, diante da omissão dos mesmos, tornando-se ausentes, diante dos desafios morais e emocionais.

Este trabalho pretende contribuir com as escolas, no sentido de propor ações e propostas que minimizem os conflitos, para que juntos, professores- alunos- coordenadores e funcionários com a presença dos pais, possam enfrentar a questão da indisciplina/violência na sala de aula e fora dela, contribuindo para a redução de evasão, de retenções e outros agravantes, associados ao fracasso escolar, tão evidenciados no atual sistema de ensino brasileiro.

Neste sentido o currículo escolar necessita dialogar com a realidade, promovendo a análise dos problemas sociais aos quais os estudantes estão inseridos, construindo uma boa convivência entre os educandos, sendo essas atividades desenvolvidas de forma conjunta pela escola, melhorando as relações profissionais e humanas entre educadores e educandos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado por meio de coleta de pesquisas bibliográficas com o intuito de buscar entender o foco da indisciplina, no estabelecimento escolar. Diante da complexidade envolvendo a temática abordada, encontramos em MORIN (2002,p.37).

O complexo requer um pensamento que capte as relações, as interrelações e implicações mútuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca de todas as partes.

Compreendemos ser importante e necessário identificar os motivos, os fatores, as condicionantes que propiciam a indisciplina na sala de aula com todos os seus agravantes para a vida social escolar. Segundo MORIN (1986):

Os indivíduos fazem a sociedade que faz os indivíduos, Os indivíduos dependem da sociedade que depende deles. Indivíduos e sociedade se co-produzem num circuito recursivo permanente, em que cada termo, ao mesmo tempo, é produtor/produto, causa/efeito, fim/meio do outro (MORIN, 1986, p.118).

Dessa forma, buscaremos compreender e evidenciar suas relações interpessoais e o meio em que a criança está inserida podem interferir no molde da conduta das mesmas em sala de aula. E se o fenômeno da indisciplina e o que acontece na escola é resultado social ou individualista, com o intuito de encaminhar a reflexão sobre responsabilização do sujeito em relação à indisciplina e sua relação com o sucesso ou o fracasso escolar.

3. HIPÓTESES SINTÉTICAS SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra disciplina é conceituada como relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor, ou regime de ordem imposta ou livremente consentida. Do ponto de vista pedagógico Vasconcellos (2009, p. 23), conceitua “disciplina” como organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento, postura, atitude. Sendo também é uma das maiores exigências dos docentes como temática para as capacitações que constituem a formação continuadas, assim como uma das maiores reclamações relativas ao trabalho em sala de aula.

De acordo com Foucault (1987, P. 29,), disciplinamento é uma técnica quase imperceptível que é utilizada para moldar o indivíduo em sua fase escolar. Ela exerce dominação sobre o sujeito, dispondo-o em um local planejado, o que facilita o exercício de poder disciplinar. Ainda segundo o autor, a intenção do ato disciplinar é produzir e fabricar corpos submissos, dóceis, úteis e disciplinados, extraindo o máximo que se necessita do corpo.

Em síntese, as questões de disciplina e de indisciplina escolar são complexas, pois, embora todos os comportamentos considerados desviantes concorressem para a perturbação da dinâmica da aula, os desvios podem ser desculpáveis, frequentes ou esporádicos são complexos ainda porque ao envolverem vários intervenientes do processo educativo, particularmente professores e alunos, estão preparados para atender esses alunos, os professores estão sentindo dificuldades em atender esse público que vem carregado de informações, problemas familiares e sentimentos variados (TAVARES, 2012,p.35).

Desta forma, considera-se que as abordagens filosóficas presentes nesse artigo sejam relevantes por conta do discurso de muitos professores e das próprias pesquisas no que se

refere à indisciplina, os quais têm feito parte da realidade das instituições escolares contemporâneas e preocupando os docentes.

Seguindo a tendência pedagógica, La Taille (1996, p. 10) afirma que “é necessário investigar o que causa esse comportamento, a revolta contra as regras”. Pois, uma sala de aula deve ser um ambiente favorável para o aluno estudar, um lugar propício para que o ensino e aprendizagem aconteçam. O educador deve possibilitar a mediação do conhecimento, enxergar o aluno como sujeito de seu próprio conhecimento, contribuindo assim para o bom comportamento deste aluno (MUNDEL, 2017).

Tendo em vista o texto acima apresentado, Aquino (1996, p.53) tenta desmistificar a ideia simplória de que a indisciplina sinaliza apenas bagunça e tumulto, de modo que apresenta uma essência positiva do fenômeno, a possibilidade de uma nova espécie de disciplina:

O aluno é obrigado, assim, a fazer funcionar esta grande engrenagem que é o pensamento lógico [...]. A partir daí o barulho, a agitação, as movimentações passam a ser catalisadores do ato de conhecer, de tal sorte que a indisciplina pode se tornar, paradoxalmente, um movimento organizado, se estruturando em torno de determinadas ideias, conceitos, proposições formais.

Doirado & Penitente (2017) afirma que a indisciplina é um elemento que tem força para modificar o currículo praticado pelos professores, chegando muitas vezes a inviabilizar parte do que havia sido planejado para as aulas. Segundo Garcia (2013, p. 95), ela também é capaz de induzir mudanças em ideias e práticas educacionais insatisfatórias.

Seguindo por essa linha, as questões mais discutidas no âmbito escolar estão ligadas à indisciplina dos alunos, falta de preparo adequado por parte dos profissionais que constituem a escola, ausência da família no enfrentamento do problema; enfim, variadas questões que merecem toda a atenção da educação em si para que, a ordem e a disciplina sejam estabelecidas e deixar de, constantemente, gerar polêmicas. Sendo as causas inúmeras, dificilmente se chega a uma conclusão.

Bourdieu (2002) aborda sobre o Habitus que inclui experiências passadas e é a base das percepções, apreciações e das ações, porém que não é uma identidade fixa do indivíduo, mas que permite ao indivíduo ser constantemente afrontado por experiências novas e de ser afetado por tais experiências, *in verbis*:

O habitus é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável. (BOURDIEU, 2002, p. 83).

Nesse sentido, os primeiros passos a serem dados é a realização de uma análise no foco do problema, ou seja, na origem da questão. É a partir daí que iremos diagnosticar os motivos que levam os indivíduos, alunos/ professores/ funcionários, etc., a se comportarem de forma indisciplinada e até violentos na sala de aula e na escola como um todo, corroborando assim, que o problema seja confrontado com uma solução possivelmente eficaz. Porque antes de julgar o comportamento do indivíduo é preciso verificar a realidade “dessa” instituição de ensino, da família dos alunos, as questões psicológicas e sociais, além de muitos outros aspectos relacionados.

Muitas vezes inúmeras escolas não oferecem espaços adequados para a prática de esportes, e outras atividades recreativas para que venha agrupar trabalhos específicos didáticos-escolares. O aluno não tem onde brincar ou correr nos intervalos das aulas ou em datas comemorativas. Diante disso, o espaço escolar fica limitado para um eficaz desenvolvimento e aprendizagem dos educandos.

Outro aspecto de grande relevância é a família. Problemas de diversas ordens podem acarretar indisciplina escolar sem que o professor enxergue dessa forma, avaliando apenas as consequências, e não as causas do problema. Pode ser que o aluno conviva em um lar desestruturado, onde não há um respeito mútuo nem ordem na conduta da família. Sendo assim, o filho reflete na escola aquilo que vivencia ou participa em seu lar (agressão, repressão, desrespeito, ausência a normas sociais, etc.).

[...] O tratamento que a escola dispensa aos pais ou responsáveis pelos estudantes e à visão que os professores e o pessoal escolar em geral têm deles, pode-se dizer que este é um dos assuntos mais relevantes para uma concepção ao mesmo tempo democrática e transformadora da função escola. (PARO,2001, P.40).

Nem todos os profissionais estão preparados para agir diante de situações dessa natureza. O que acontece é que existe uma tendência dos professores e demais funcionários da escola a não interpretarem sensatamente essas situações, e muitas vezes não sabem trabalhar com a indisciplina. Dessa forma, em algumas ocasiões, tais profissionais da educação rotulam ou alegam que esses alunos são “sem futuro”, e problemáticos. No entanto, desconhecem a realidade de cada um deles.

Segundo ROCHA (1996, p. 388), “indisciplina é a falta de disciplina que significa: regime de ordem imposta ou livremente consentida, à ordem que convém ao funcionamento

regular de uma organização”. A falta de disciplina dos alunos se comprova com o desinteresse aos estudos, com alunos muito falantes, descomprometidos, que ignoram a presença do professor, não respeitam os professores e alunos, sem noção de limites. Sabemos que certos comportamentos indisciplinados estão relacionados sobretudo, à falta de valores morais e ninguém nasce indisciplinado.

O comportamento indisciplinado resulta de inúmeras influências que a criança recebe ao longo de seu desenvolvimento, que não estão alheias a família ou a escola, pois o aluno participa de diferentes contextos sociais e tem diferentes aprendizagens, como por exemplo, na contemporaneidade estão as crianças que não só assistem como também participam ativamente de cada mudança na estrutura familiar.

Diferentemente da década de 90, com o advento da internet, muitas preferem ficar trancafiadas em seu quarto jogando no computador, conversando via celulares, tabletes e as relações sociais ficam cada vez mais prejudicadas (FONTANA, 2007).

Mas, o que leva os estudantes de hoje a terem atitudes indisciplinadas, por muitas vezes, agressivas? Araújo & Mendonça (2015) afirmam que todo problema tem sua origem, portanto, a indisciplina certamente é resultado das experiências vividas. A convivência familiar é na maioria das vezes, o ponto de partida para que a criança se comporte de maneira indisciplinada no ambiente escolar.

ROSAS & CIONEK (2006) ressaltam a importância das crianças serem cuidadas simplesmente pelo fato de estarem em fase de desenvolvimento, afinal, para que se desenvolvam de uma forma equilibrada, é preciso que o ambiente familiar propicie condições saudáveis, o que inclui estímulos positivos, equilíbrio, boa relação familiar, vínculo afetivo, diálogo, entre outros. São estas situações que muitas crianças não vivem, pois, ainda há aquelas crianças agredidas diariamente que vivem em um ambiente de prostituição, drogas, brigas, etc.

4. A AVALIAÇÃO E O CURRÍCULO

Um das hipóteses que buscam explicar a indisciplina/violência na escola perpassa pela análise do currículo e da avaliação, estando esses dois componentes educativos associados ao fracasso escolar. Apesar de esperarmos que a educação seja de qualidade para todos, o país precisa assegurar o acesso e a permanência com reais condições de escolarização, a todos os seus filhos, uma criança que nasce hoje, deve por direito, ter assegurada a sua vaga na

universidade, porém isso não acontece, de forma que ao longo do processo de escolarização a criança passa por vários funis, que deixam para trás uma parcela enorme da sociedade, que não consegue sequer concluir a educação básica.

Comumente atribui-se o fracasso escolar ao educando, de forma que esse olhar afasta os atores escolares de uma análise crítica e aprofundada, sobre a prática pedagógica em seu conjunto formativo. Esteban, (2001), alerta para o papel do professor, no processo de avaliação, analisa a sua formação, sua própria experiência pessoal enquanto estudante, sobre a avaliação, como esse professor foi avaliado enquanto estudante, analisa o meio escolar, as relações interpessoais, as relações docente gestão escolar, docente plano político pedagógico da escola, relação docente corpo técnico.

São construções sociais presentes na instituição escolar, que refletem e definem as práticas pedagógicas e os critérios avaliativos utilizados pelos professores. A pluralidade dos sujeitos enquanto portadores de saberes científicos e culturais, a heterogeneidade da sala de aula, as condições físicas ambientais, o número de estudantes na sala de aula, a falta de recursos pedagógicos, aliada a prática pedagógica que não se renova, podem dificultar muito o processo ensino aprendizagem, refletindo-se na avaliação.

A autora informa que a avaliação do ponto de vista do exame, indica o que não foi aprendido, mas não reconhece o que foi apreendido, e qual o caminho utilizado para a obtenção dos resultados. O que realmente importa não é o erro ou acerto das questões propostas e sim, o raciocínio utilizado para chegar até as respostas. Nessa lógica, a avaliação é utilizada para a explicação do fracasso ou sucesso escolar, obedecendo a uma modelo tecnicista de aprendizagem.

Esteban (2001) informa que o modelo de avaliação ainda utilizado no sistema de ensino, se estabelece através da fundamentação de padrões, que comparam, classificam e excluem. Em sala de aula identificamos as desiguais condições que o sistema educacional quer transformar em igualdades, quando diante de diferentes necessidades de alimentação, locomoção, lazer, estrutura familiar, acompanhamento escolar, espera-se que sujeitos que vivem diferentes realidades, tenham as mesmas condições de aprendizagem, quando diante do professor, os sujeitos são tratados de formas excludentes, desiguais, por serem classificados, como maus ou bons alunos, sem chances de serem aprovados.

Segundo (BOURDIEU e PASSERON, 1975), a violência simbólica é ocasionada pelo corpo sem constrangimento físico, em que causa danos morais e pode se tornar um agravante para o fracasso escolar do indivíduo, pois o aluno sente-se rejeitado ou excluído e tende a não voltar naquele ambiente, nesse caso, a escola. Além do aluno não querer regressar à escola após a violência simbólica, ele sente-se obrigado a estudar e o seu desempenho tende a enfraquecer.

Esses processos são determinantes para a continuidade ou não da escolarização, por parte dos indivíduos que sofrem essa violência, também chamada de violência simbólica, quando de diversas formas, o indivíduo possui seus direitos negados, de forma sutil, silenciosa e imperceptível. Nesse contexto a escola assume um papel dicotômico, através da avaliação, ao promover a separação de sujeitos, o isolamento de grupos, a competição entre os educandos, a eliminação por reprovações aleatórias.

Ela fortalece e reproduz desigualdades, preconceitos e exclusões, valoriza-se a competência, a meritocracia, de forma que os selecionados nesse processo, ganham poder social, e certamente irão compor os melhores cargos, cursarão os melhores cursos, estarão a frente no complexo social a que pertence. Esta escola mantém as divisões sociais, está a serviço do poder dominante, obedece as determinações do capitalismo, certificando através do diploma as desigualdades que determina.

Ao analisarmos o currículo proposto da educação básica ofertado hoje no sistema de ensino, torna-se necessário uma breve análise sobre a historicidade do currículo, para entendermos a concepção na qual está fundamentada a prática curricular.

Baseando-se em Veiga (2004), apresentamos uma breve abordagem focalizando os principais caminhos que delinearão o modelo educacional presente no Brasil, onde o currículo, e as disciplinas que o compõem são voltadas para uma educação fragmentada, que classifica o sujeito, de acordo com o lugar social que o mesmo ocupa na sociedade, de maneira que vivemos um modelo educacional excludente e eliminatório, no qual o currículo, a avaliação, a didática, detém o poder de fortalecer e legitimar as desigualdades sociais.

Para uma maior compreensão da evolução da estrutura da avaliação na educação brasileira, analisamos o primeiro momento histórico, compreendido entre 1549 a 1759, onde os Jesuítas foram os primeiros educadores no Brasil. Os mesmos atuavam segundo a metodologia presente no Ratio Studiorum, em que desenvolveram uma educação voltada para

a catequese dos índios, desconstruindo a cultura e impondo os dogmas e preceitos cristãos, no sentido de conversão através da submissão dos indígenas ao sistema econômico, social e religioso presente nas ações impostas pelo colonizador. Para os filhos dos portugueses essa ação educativa era mais rica em conteúdos, pois visavam a formação formativa para a continuidade da dominação e exploração.

A concepção pedagógica estava centrada no desenvolvimento da memória, do raciocínio lógico, utilizando a repetição, o decorar, a exposição em sala de aula, estimulando a competição e a valorização dos melhores, os exames eram orais e escritos, visando a avaliação constante. As disciplinas eram ensinadas como um conjunto de regras e modelos que deveriam ser seguidos pela ordem de utilização.

Segundo Veiga (2004), Com a expulsão dos Jesuítas a partir de 1759, com a ação da Reforma pombalina, implantada por Marquês de pombal, são introduzidas as aulas régias, o que ocasiona um retrocesso, devido a falta de professores capacitados, pois as aulas régias não promovem evolução na ação educativa. Após 1870, o Brasil absorve as ideias iluministas, onde a centralidade em Deus e nos dogmas da igreja perdem força na Europa, refletindo-se no Brasil. O homem passa a ser o centro do saber, sendo capaz de observar o mundo, as leis da natureza, a compreender o poder de transformação da ação humana, permitindo a reflexão, e o desenvolvimento da capacidade de pensar.

O Brasil passa a exportar café e inicia um processo de urbanização. A escola mantém a visão divina, mas valoriza a natureza humana, em sua essência racional. Nesse período observamos o desenvolvimento das ciências e suas ramificações.

Para VEIGA (2004), Essa concepção pedagógica, está centrada no professor, sendo hierarquizada e verticalizada, onde o professor transmite o conteúdo e o aluno é educado para seguir e obedecer. A ação do professor é inquestionável. Utiliza-se a disciplina para a manutenção da autonomia do professor. Chamamos esse período de pedagogia tradicionalista, iniciada desde 1835 com a criação das escolas normais.

Em 1932 surge o Manifesto dos pioneiros da Escola Nova, documento que retrata os anseios para a educação no Brasil, formado por intelectuais e estudiosos de várias áreas do conhecimento. O documento aspira por uma sociedade melhor estruturada, que convive com o crescimento industrial e urbano, sendo a educação a possibilidade de reconstrução e avanço, para o desenvolvimento do novo perfil da sociedade.

Em 1937, O presidente Vargas implanta o Estado Novo, que paralisa a evolução do sistema educacional. O período é marcado pelo equilíbrio entres as concepções humanista tradicional, defendida pelos católicos e pela concepção humanista moderna, representada pelos pioneiros. Tais concepções se voltam para o homem, centrada para a existência da vida, predominando assim, o aspecto psicológico que defende os princípios democráticos e a consolidação dos direitos humanos. Entretanto, permanece a divisão das classes, onde as possibilidades de desenvolvimento atingem e favorecem a classe dominante.

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios. (BOURDIEU, 1998 p.53).

Para VEIGA (2004), a educação tornou-se um produto valioso. Em torno dela, setores financeiros foram criados, e, paralelo a isso, o professor adquiriu inúmeras funções, onde a aceleração na prática do trabalho pedagógico, prejudica a própria ação pedagógica. A avaliação escolar assume um papel importante no contexto da educação, sendo utilizada em larga escala, de forma global, aplicada por setores do governo voltados para a política e o controle, utilizando mecanismos de análise que excluem através do caráter seletivo e classificatório, a que os sujeitos são submetidos, estando naturalmente em condições de desigualdade perante os processos seletivos, por não terem recebido as mesmas oportunidades e condições de escolarização, ao longo da formação escolarizada.

Ocorrendo a manutenção da divisão de classes, que dificulta o acesso dos mais pobres a níveis mais aprofundados na formação educacional. A ausência de articulação entre as disciplinas, o isolamento dos saberes científicos produzidos, que não chegam no ambiente escolar, a falta de estrutura física das escolas, falta de recursos financeiros, ausência de planejamentos coerentes, ausência de gestores capacitados associados a formação docente deficiente, prejudicam o desenvolvimento pedagógico das disciplinas formadoras dos currículos escolares em todos os níveis de escolarização.

Esteban (2001), se inspira em Foucault na análise da avaliação como disciplina corporal, dos pensamentos e das vontades, promovendo uma condução, um direcionamento na vida do educando, promovida pela concepção da educação que está em vigor, que não

considera a educação como um processo contínuo, complexo e composto por rupturas conceituais e agregações de conhecimentos, não só adquiridos na sala de aula, mas que ocorre em todo o espaço escolar e fora dele.

Podemos considerar que a indisciplina e a violência, seja ela verbal ou física, demonstram que os educandos envolvidos geralmente estão vivenciando conflitos, e que esses conflitos certamente refletem no rendimento escolar, dificultam as relações estabelecidas entre os pares e distanciam o educando da escola, pois ele não se sente valorizado, não há escuta para ele, não há espaços para o diálogo entre professor e educando.

O cientista e filósofo Francês Bernard Charlot (2000, p.30) relata ser necessário o conhecimento da lógica que cerca o estudante, para compreender o que faz sentido para ele, faz sentido para o aluno aprender, quando a lógica da escola é formar? Faz sentido para o estudante ir a escola? O que ele vai encontrar na escola? Um espaço onde ele vai interagir, compartilhar, comunicar, ouvir e ser ouvido, participar, se sentir valorizado, um membro desse grupo social? Ou um lugar cheio de regras a cumprir, de normas e padronizações? Como criar conhecimento, se a lógica da escola é reproduzir o que está pronto, dado, produzido?

A fala desse cientista nos traz inúmeras reflexões, e ele nos convida a transformar a escola que hoje temos, que é uma escola de sofrimentos, sofrimento para os alunos, sofrimento para os professores, sofrimento para a família, de forma que precisamos mudar a concepção prática da nossa escola. Tal instituição precisa ser um lugar de prazer, de rupturas, de descobertas, de construções, para que realmente ela faça sentido na vida de todos que nela atuam e por ela são transformados.

5. O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA

Vivemos em um mundo globalizado, onde, a informação circula mais rápida e precisa, esse avanço tecnológico no qual estamos inseridos criou uma celeridade no mundo; nos negócios, na saúde, na educação, como consequência, nossas crianças tem ingressado mais cedo nas escolas por diversos motivos, quer seja, por consentimento dos pais, por acharem que quanto mais cedo ingressam na escola, mas, rapidamente se desenvolvem, quer seja por necessidades econômicas, em que os pais, necessitem labutar pela subsistência da família e a escola vem a ser a “melhor” opção, ou simplesmente pelo interesse de se apropriar dos

benefícios oferecidos pelo governo que usam como critério de aprovação a criança matriculada na escola.

O fracasso escolar é um tema que provoca debates no cenário da educação. No entanto, para entender os fatores que levam a este problema é preciso, antes, ressaltar que a educação é um direito de todos determina o art. 205 da Constituição Federal e “dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Porém, a realidade, muitas vezes tem outra face.

O que se vê hoje, no ambiente escolar, são salas com excesso de alunos, e que nem sempre estão adaptadas as necessidades dessas crianças, o excesso de alunos dificulta ao professor uma observação mais aprofundada desenvolvimento da criança, passando por alto diversos aspectos, quer sejam culturais, econômicos ou sociais.

O papel do professor na atualidade social que estamos inseridos está mais abrangente, devendo o mesmo estar atento às múltiplas capacidades cognitivas, físicas e afetivas. Tendo um compromisso maior com o projeto pedagógico e com a motivação de seus alunos em relação a esse projeto. Nesse caso, os professores necessitam participar das formações de aperfeiçoamento, e os alunos, por sua vez, terem liberdade de questionarem, tirar suas dúvidas e se posicionarem.

E é nesse sentido que a escola começou a se degradar. Afinal, o aluno mudou e com ele vieram os problemas relacionados ao seu contexto sociocultural, mas a instituição educacional não conseguiu acompanhar as mudanças e elaborar estratégias de acolhimento que promovessem sequer o sentimento de pertencimento nos desfavorecidos (ARAÚJO & MENDONÇA, 2015).

É sabido que atualmente existem diferentes tipos de abandono e que ele não ocorre apenas nas comunidades mais pobres. No entanto, hoje se observa que a criança pertencente à camada socioeconômica mais baixa, atendida pela escola pública, normalmente tem características de crianças com baixa autoestima.

Sendo considerada esta realidade de abandono a qual muitas vezes os atuais responsáveis pelos estudantes também já foram submetidos, torna-se lamentável o fato dos mesmos não perceberem a necessidade de dar atenção, carinho, de conversar com a criança desde os primeiros anos de sua vida, ensinando-os e demonstrando-os o que é certo e o que é errado.

Assim, mediante a menor situação de conflito, agridem o menor. Essa postura influenciará diretamente na formação das crianças que crescerão sem bons modelos de convívio social e revoltadas. Os adultos ignoram que as crianças chegaram a esse mundo há pouco tempo e que têm necessidade de aprender tudo.

Segundo Vasconcellos (p.8, 1998) “Sempre que pensamos em disciplina, logo nos vem à mente as ideias e limites (restrições, frustrações, interdição, proibição, etc.) e de objetivos (finalidade, sentido de limite colocado). A nosso ver, a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivendo.”

O aluno não consegue ter objetivos em relação aos estudos, questiona “para que estudar?”. Não identificam sentido em ter conhecimento, não conseguem imaginar seu futuro, de maneira que faltam perspectivas. Quanto aos limites, as famílias também estão perdidas, vivenciando grave crise em diversos aspectos do cotidiano, assim o problema se reflete na escola.

Discutir o sentido ético da convivência humana nas relações faz com que o aluno faça uma reflexão sobre suas escolhas. O que é certo e o que é errado nas relações sociais e práticas pessoais. Os valores morais e éticos orientam as ações na sociedade. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) a temática “ÉTICA” é um dos Temas Transversais, que tem como preocupação em trazer valores éticos ao Ensino Fundamental, porque a escola tem um papel importante na formação da criança, por isso a necessidade de trabalhar valores éticos.

É importante desenvolver um projeto sobre valores éticos, para que os alunos tenham a capacidade de analisar os diversos valores presentes no meio social e na construção dos princípios que regem a convivência humana. O professor tem um papel de suma importância, pois é ele quem cria espaços para o diálogo, tem a condição de inovar as aulas, sendo mediador pedagógico nas relações interpessoais.

Isto se confirma com Engers (2000, p.298) que diz: “... *as relações interpessoais são muito importantes para que o aluno compreenda o valor da escola...*” Sendo assim, é necessário que a escola proporcione momentos de coletividade para buscar resolver seus conflitos, baseado nos princípios éticos, desde o primeiro ano escolar, pois Ética se aprende na prática, as questões ligadas à moral e à vida devem ser tratadas como conteúdos.

O trabalho em relação à indisciplina deve ocorrer cotidianamente para garantir um ambiente harmônico e de cooperação, no qual os valores sejam garantidos. O que se deve considerar é que as possibilidades de surgirem conflitos sempre vão existir, porém o modo

como vamos resolvê-los é que farão diferença, buscando soluções justas, respeitadas, que permitam a reflexão, capaz de gerar mudanças significativas nas vidas dos sujeitos.

6. FORMAÇÃO DOCENTE

Ser professor envolve primordialmente a luta pelo reconhecimento da identidade da sua profissionalização. O professor é um profissional que possui uma grande responsabilidade diante da sociedade, entretanto nem sempre é compreendido por esta. Muitas vezes criticado e avaliado sua prática pedagógica, é extremamente cobrado pelo sistema educacional. Sem condições ideais de trabalho, com baixa remuneração, com exaustiva carga horária em sala de aula, sem tempo para planejamento, preparações e continuidade na própria formação, o professor desenvolve com muitas dificuldades seu labor pedagógico. Para SAVIANI, (2009):

A questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho. Com efeito, as condições precárias de trabalho, não apenas neutralizam a ação dos professores, mas dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. . SAVIANI, 2009. P. 153

O professor na condição de educador, é um profissional que apesar das dificuldades e barreiras, busca construir os saberes dos educandos, respeitando suas crenças, seus conhecimentos, seus valores, ao mesmo tempo que potencializa o próprio saber.

O coordenador pedagógico, mediador(a) das inter-relações existentes no espaço escolar, diretor - professor, professor – aluno, aluno – direção, cabe a ele(a) mediar todos os dilemas, conflitos e criar uma “harmonia” que possa propiciar um ambiente qualitativo de aprendizado, onde as relações possam ser teoricamente horizontalizadas. Cabe a este profissional criar parcerias que visem a manutenção harmônica das relações, e que estas parcerias sejam propícias a construção, aquisição e apropriação do conhecimento científico escolar.

Nesse sentido de trabalho em parceria Nogueira declara:

Educação de qualidade é uma busca constante das instituições de ensino, para que isso se torne realidade são necessárias ações que sustentem um trabalho em equipe e uma gestão que priorize a formação docente contribuído para um processo administrativo de qualidade conforme Chiavenato (1997, p.101), “não se trata mais de administrar pessoas, mas de administrar com as pessoas. As organizações cada vez mais precisam de pessoas proativas, responsáveis, dinâmicas, inteligentes, com habilidades para resolver problemas, tomar decisões”. Nessa perspectiva devemos identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade esse trabalho é desenvolvido pelo coordenador pedagógico (NOGUEIRA, 2008, p.1).

A parte formativa que cabe ao coordenador deve ser emancipatória para os docentes, levando-os a entender a prática docente, diante de seus paradigmas, que os leve a ter uma visão não de obrigatoriedade, mas sim, de necessidade de se seguir práticas que visem a produção e aquisição de conhecimentos qualitativas nas relações de ensino-aprendizagem, cumprimento do currículo e processos avaliativos.

Como formador, compete ao coordenador oferecer condições ao professor para que se aprofunde em sua área específica e trabalhe bem com ela. Baseando sua ação docente nos parâmetros estabelecidos pelas redes educacionais e pelas escolas. Os encontros de formação, devem contemplar as realidades dos alunos, dos professores, da sociedade como um todo, trabalhando conteúdos, projetos, pesquisas e debates que enriqueçam o trabalho docente nas salas de aula. De acordo com Nóvoa (2001, p.53)

A experiência não é nem formadora nem produtora. É a reflexão sobre a experiência que pode provocar a produção do saber e a formação. Com esse pensamento ainda é necessário destacar que o trabalho deve acontecer com a colaboração de todos, assim o coordenador deve estar preparado para mudanças e sempre pronto a motivar sua equipe. Dentro das diversas atribuições está o ato de acompanhar o trabalho docente, sendo responsável pelo elo entre os envolvidos na comunidade educacional.

Como educador, o professor necessita ser dinâmico, criativo e inovador no exercício da sua profissão. Para a sua formação não existe manual, ou metodologia pronta, pois esse processo de formação é contínuo, lento, não sendo um processo linear, mas uma construção transformadora. Como afirma ALVES, 2002:

Não sei como preparar o educador. Talvez que isso não seja nem necessário e nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguiram como tropeiros e caixeiros. Porque, talvez, nem tropeiros e nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam como memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que o chamemos de seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, cordado, ele repetirá milagre da instauração de novos mundos.(ALVES,2002 P.28.)

Segundo Freire (1979) a educação sozinha não tem a condição de transformar a sociedade em que vivemos com seus múltiplos e sérios problemas sociais, mas, sem ela, todo processo de mudança e transformação será comprometido e inviabilizado. Desta forma, pode-se pontuar que cabe ao coordenador pedagógico como formador, trazer para os docentes os meios que lhes faça expandir a visão da importância de uma formação que seja contínua, com objetivos claros de lhes trazer os aportes necessários para que como formadores dos alunos, ajam de forma motivada e motivadora, realizando seu papel social no contexto da escola, como agente de transformação de realidades.

De acordo com FONSECA (2001),

Ser um instrumento de transformação da realidade, resgatar potência da coletividade, gerar pela esperança, gerar solidariedade e parceria, ser um canal de participação efetiva superando as práticas autoritárias e/ou individualista ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente. Aumentar o grau de realização, e portanto, de satisfação de trabalho. Colaborar na formação dos participantes.

LÜCK (2002, p. 28) salienta que: “o professor é a figura central na formação dos educandos. É ele quem forma no aluno o gosto ou o desgosto pela escola, a motivação ou não pelos estudos; o entendimento da significância ou insignificância das áreas e objetos de estudo; a percepção de sua capacidade de aprender, de seu valor como pessoa...”.

SAVIANI, alerta que para melhorar a educação e enfrentar os diversos problemas é necessário investimentos do poder público, no qual a valorização profissional torna-se imprescindível para um projeto bem sucedido de avanços reais na educação pública brasileira.

Tanto para garantir uma formação consistente como para assegurar condições adequadas de trabalho, faz-se necessário prover os recursos financeiros correspondentes. Aí, está portanto o grande desafio a ser enfrentado. É preciso acabar com a duplicidade pela qual, ao mesmo tempo em que se proclama aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como essa que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantes se pautam pela busca da redução de custos, cortando investimentos, Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante. (SAVIANI, 2009. P.153.)

A ausência de investimentos e de políticas públicas voltadas para o real desenvolvimento da educação pública brasileira, fortalece assim a continuidade de diversos problemas que envolvem o ambiente escolar, tais como: Indisciplina, evasão escolar, a repetência e a violência. Tais problemas que persistem no cenário escolar, devido à fragilidade do sistema educacional em vigor, que não proporciona condições de trabalho e desenvolvimento do fazer pedagógico no seio da escola.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas bibliográficas permitiram um aprofundamento nos estudos das relações existentes na instituição escolar. Percebemos que a escola precisa assumir seu papel de instituição social, formadora e naturalmente transformadora da sociedade.

Para isso, a escola necessita possuir uma gestão democrática que permita o diálogo entre os atores escolares, construindo um projeto político pedagógico de forma coletiva,

atendendo ao coletivo formado pela comunidade, pelos pais, corpo docente, corpo técnico, corpo de apoio, na concepção de que todos os que trabalham na escola são educadores em potencial.

De acordo com que foi constatado nesta pesquisa, convém salientar que realmente, a indisciplina pode ter ligações diretas com a falta de limites a regras dadas pelos pais em casa. Os atos indisciplinados dentro dos lares repercute diretamente na sala de aula e na escola.

Na escola, atitudes disciplinares como por exemplos, expulsar, tirar notas, só tendem a criaram mais conflitos e transtornos, o que gerará mais indisciplina. Cabe aos professores e a escola procurar meios que amenizam os problemas dentro de sala, ou seja, trazer a família a acompanhar de perto o processo educativo de seus filhos.

Os educadores juntamente com os alunos devem dialogar, e por a situação em evidencia, de forma branda e que desperte a uma possível reflexão que alguns atos agressivos e rebeldes podem causar sérios danos. Desta forma redirecionada, fluirão melhores resultados em relação ao fenômeno da indisciplina e sua relação com o fracasso escolar.

8. REFERENCIAS

AURELIO, O **mini dicionário da língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.**

ALAGOAS. Governo do Estado. SEPLANDES, Perfil Municipal, 2014, disponível em:<http://dados.al.gov.br/dataset/43ba0374-afb2-46f8-92f3ed5f6fa45587/resource/8ba5832c-9f91-4c11-8e16-5b0077022be6/download/municipalsantanadoipanema2014.pdf>. Acessado em: 15/04/2019.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado.** Lisboa: Presença, 1970.

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In: _____ (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996, p.39-55.

ARAÚJO, T. M. F. M. de. **Indisciplina e/ou dificuldade de aprendizagem: o papel do professor do ensino fundamental I de uma escola municipal de presidente prudente.** Educação, Arte e Inclusão. Volume 11, Número 1. 2015.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB** Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acessado em: 17/04/2019.

_____**ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente –** Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm Acessado em 19/04/2017

_____**Constituição Federal de 1988** Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acessado em 17/04/2019

BRANDÃO, Carlos R. (Orgs); **O educador Vida e Morte;** Rubens Alves in: O preparo do educador; Editora Graal, São Paulo – SP, 12ª. Educação; 2002

CALDEIRA, Suzana Nunes; REGO, Isabel Estrela. **Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula.** Estud. psicol.,Campinas,v. 18, n. 1, p. 76- 96, abr. 2001. Disponível em . Acesso em: 21 nov. 2015.

DOIRADO, E. F. & PENITENTE, L. A. de A. **Indisciplina escolar nos anos iniciais do ensino fundamental: principais causas e possíveis mediações em sala de aula.** Revista Negócios em Projeção. V. 8, n.2. 2017.

ENGERS, Maria Emilia Amaral. **A Epistemologia da Prática Reflexiva e a Pedagogia do Tato no Cotidiano Escolar.** Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

ESTEBAN, Maria Tereza, In: **O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar.** Rio de Janeiro, RJ, DP&A Editora; 2001.

FONTANA, P. A. F. **Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai?** Revista FafibeOnLine — n.3 — ago. 2007 — ISSN 1808-6993 www.fafibe.br/revistaonline — Faculdades Integradas Fafibe — Bebedouro – SP. Disponível em:< <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/11/19042010140846.pdf>>. Acesso em: 17 set 2018.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. p 162 - 194.

GADOTTI, Moacir, **Gestão Democrática com Participação Popular no planejamento e na organização da educação nacional**. Disponível em http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/artigogadotti_final.pdf

GARCIA, J. **A indisciplina e seus impactos no currículo escolar**. Nova Escola. São Paulo, ed. 261, abril, 2013.

GNAGEY, W. J. **Como controlar la indisciplina em classe**. [Trad. de Rodolfo E. Schwarz], Buenos Aires, Librerie Del Colegio. 1970.

GOLDANI, A. M. **As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas**. Caderno de pesquisa. n. 91. Versão ISSN 0100-1574. - São Paulo. Nov., 1994.

INTERNET <https://www.alagoasnet.com.br/v3/escola-iracema-salgueiro-e-reformada-em-santana-do-ipanema/>

LATAILLE, Yves. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 13. ed. São Paulo: Summus editorial, 1996.

MARQUES, M. H. (2012) **Como educar para os valores: desafios e caminhos para trilhar uma educação de valores** - São Paulo: Paulus - (coleção pedagógica e educação)

MORIN, Edgard. **Para sair do século XX**, Editora nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

MORIN, Edgard. **Os desafio da complexidade**: In: **A Religação dos Saberes – O desafio do século XXI**, idealizadas e dirigidas por Edgard Morin, 3ª. Edição. Rio de Janeiro; Bertand Brasil, 2002.

NOGUEIRA, Vanessa dos Santos. **O papel do coordenador pedagógico**. Colunista Brasil Escola. Disponível em: <http://pedagogia.brasilecola.com/trabalho-docente/opapel-coordenador-pedagogico.htm>.

NÓVOA. A. **Formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

PAROLIN, I. C. H. (2007) **Pais e Educadores: quem tem tempo de educar?** Porto Alegre: Mediação. Parrat-Dayan,

_____ **PNE - Plano Nacional da Educação** ; Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>
Acessado em: 17/04/2019

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo – Scipione, 1996.

ROSAS, F. K; CIONEK, M. I. G. D. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. **Conhecimento Interativo**: São José dos Pinhais, PR. v. 2, n. 1, jan/jun, 2006, p. 10-15.

SAVIANI, Dermeval; **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** 2009 disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf> Acessado em: 16/04/2019

SANTOS, Vivaldo Chagas dos. **Os desafios da gestão escolar.** 2010. Disponível em:<http://www.webartigos.com/artigos/os-desafios-dagestaoescolar/58552/#ixzz2VAQUYuFh>> Acesso em: 10 maio 2013.

TAVARES, T. S. da C. **Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado.** Monografia de especialização. Medianeira. 2012.

VASCONCELOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola.** Disponível em: Acesso em: 14 jul. 2009.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina e indisciplina na escola.** Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v. 19, n. 112, p. 5-13, jul/ago, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **O desafio da (In)disciplina em sala de aula e na Escola.** São Paulo: Libertad. Centro de Formação e Assessoria Pedagógica, 1998

VEIGA, Ilma Passos Alencastro, (Orgs.); **Repensando a Didática,** 2004; Editora Papirus; Campinas- SP – Capítulo 2- Didática: Uma Retrospectiva Histórica.